



A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NAS CARTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA

Jacqueline LOPES¹; Aparecida Maria NUNES²

RESUMO

As cartas jesuíticas são registros importantes a respeito do século XVI, Brasil-Colônia. Elas revelam informações históricas e contextuais do imaginário do europeu da época. Com base nessas narrativas, esta pesquisa buscará encontrar, analisar e compreender a relação europeu e índio, mais especificamente da mulher indígena. Para revelar a representação da índia, tendo em vista que a língua escrita é um instrumento cultural que projeta a visão do “outro”, serão objetos de estudos as narrativas – cartas - do Pe. José de Anchieta. Tal escolha justifica-se pela relevância histórica quanto aos aspectos linguísticos, pela postura minuciosa e esmiuçadora do jesuíta, além da proximidade dele com os nativos, tendo em vista que foi grande conhecedor da língua indígena. O conceito de representação está intimamente conectado com o imaginário e reflete a forma como um indivíduo ou coletivo, olha, vê e interpreta algo ou alguém. Para tal construção da imagem da mulher, sob o olhar do homem branco, europeu e cristão, a pesquisa se valerá da historiografia, que possibilitará leituras desta representação, por consequência, relevará a imagem da mulher indígena e a memória da concepção de mundo do europeu na época.

Palavras-chave: Mulher Indígena; Imaginário; Representação; Cartas jesuíticas; José de Anchieta

1. INTRODUÇÃO

A representação da mulher indígena do século XVI, no Brasil Colônia pode ser encontrada em documentos históricos da época, nas cartas jesuíticas. Levando em consideração que o jesuíta José de Anchieta apoiou e dividiu responsabilidades com Pe. Manuel de Nóbrega, escrevendo ao provincial e ao Pe. Geral a cada quatro meses, conforme estipulado pelos seus superiores, é possível evidenciar que suas cartas, sem deixar de mostrar suas percepções pessoais, narrava suas vivências, frustrações e conquistas no processo de cristianização. Por isso, o olhar de José de Anchieta, também nomeado “apostolo do Brasil”, fundador de colégios, cidades e igrejas, e conhecedor da Língua dos nativos, equivale a uma fonte de esmerado valor histórico. Suas narrativas carregam numerosos fatos detalhados, o que revela seus pontos de vista e avaliações como um jesuíta, europeu, cristão, homem, sobre os hábitos e costumes do povo indígena.

Neste sentido, um tema que se faz relevante na obra de Anchieta pelo seu antagonismo, e merecedor de destaque pelo eixo social, é a figura da mulher indígena, que nas cartas de Anchieta se encontra, muitas vezes, relacionada, também, ao processo de catequização da missão jesuítica.

1 UNIFAL-MG – jacqueletras8@yahoo.com.br

2 IFSULDEMINAS – cydamaria@gmail.com



É possível revelar a imagem da mulher indígena, através da obra de Pe. José de Anchieta. Mais concretamente relacionado ao percurso dessas mulheres na História, resgatando suas vidas, seus hábitos, suas ações, descrevendo suas características sob o olhar do “outro” no processo de descobrimento. Conforme Todorov (2010, p.4) “[...] estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie.”

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cerello (2008) apresenta informações sobre as cartas jesuíticas, ela aponta que as correspondências cumprem a determinação de relatórios, aplicando dois gêneros de cartas definidos na tradição preceptiva epistolar, fazendo uma referência a Hassen (2001), “*negocial* (oficiais, com matéria argumentativa séria) e *familiar* (“particular”, breves e claras) ”.

Entretanto, Cerello (2008) destaca que ao lado de uma documentação administrativa existia uma documentação destinado à circulação ampla, por exemplo a descrição de fauna, flora, povos, vidas. Gerando com isso, intenções, de mostrar um “saber missionário coletivo”.

Eram essas mesmas informações que serviam para fornecer matéria aos autores da própria Companhia que as utilizavam em suas obras de síntese, escritas em latim, destinadas a exaltar as conquistas portuguesas e, sobretudo, a fixar a imagem que a Companhia queria divulgar de si mesma. (CERELLO, 2008, p. 6)

Desta forma, às cartas se converteram em importantes documentos históricos, pois, envolvem não só informações a respeito do Novo Mundo, como, também, traz a conhecer o gênero e o discurso dentro da Companhia de Jesus. Trazendo à luz certos interesses e referências da Ordem em relação às atividades missionárias no Brasil-Colônia.

Segundo o Raminelli (2007, p.28), a conduta das índias nos rituais de canibalismo deixou o jesuíta José de Anchieta atônito. “O religioso narra a morte de prisioneiros em cores muito fortes, ressaltando o prazer sentido pelas mulheres. ”

As mulheres nunca foram poupadas pelos julgamentos dos olhares europeus, relacionada quase sempre, a figura bíblica EVA. Raminelli (2007, p. 43) finaliza “Os homens, por sua vez, foram poupados pelos missionários e viajantes e não eram vistos dessa mesma forma.”



3. MATERIAL E MÉTODOS

Inicialmente, a pesquisa se baseia em um levantamento bibliográfico, buscando publicações a respeito do tema em questão, atribuindo a pesquisa um caráter exploratório, com fase inicial centrada na investigação bibliográfica..

Em seguida, a investigação se relaciona e apresenta um diálogo entre referencial teórico estudado e análise das cartas de Pe. José de Anchieta, após ser selecionada toda informação encontrada na narrativa do jesuíta sobre a mulher indígena. Após a realização destes recortes, levando em conta o contexto em que foram escritas, são trabalhadas as representações e, por consequência, construções da imagem intimamente ligada ao imaginário (memória) da época e do grupo social.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perceber e analisar a figura da mulher nas narrativas de um não índio, no caso, o escolhido por grande importância Literária, pela veia mística e pela postura “diligente anotador”, conforme afirma Bosi (2006), pode contribuir com discussões em sala de aula, pelo caráter crítico que desperta em todos que por desejo ou outras implicações se envolvem neste assunto.

Rominelli (2008) em sua pesquisa sobre o cotidiano das mulheres indígenas da tribo Tupinambá, afirma que a conduta das nativas nos rituais de canibalismo deixou Anchieta atônito. Ele teria narrado a morte dos prisioneiros com cores fortíssimas, demonstrando o prazer delas por praticarem tal ritual. Neste sentido, Anchieta é a fonte de detalhes, o que pode levar a questionamentos e ouvir e sentir a vida dessas mulheres.

As narrativas de Pe. José de Anchieta são claras, mostram fauna, flora e a vida dos nativos e, mostra uma índia ora selvagem e nefasta, ora mais dedicada ao se tornar cristã. Nesse discurso, revela o desejo de uma sociedade válida e, sobretudo, de um modelo aceitável e cobiçado durante o processo de colonização do país. E é isso que se busca, este conhecimento que é tão válido para a formação intelectual humana.

5. CONCLUSÕES

Em uma análise preliminar observou que as nativas eram relatadas, em algumas cartas, por



9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

6º Simpósio da Pós-Graduação

ISSN 2319-0124

efeito da evangelização, como virtuosas e eram “salvas” das atrocidades dos europeus quando elas pronunciavam palavras cristãs aos seus abusadores, como aborda este fragmento da carta de Pe. José de Anchieta: “Uma, acometida por um e perguntada de quem era escrava, respondeu: “De Deus sou, Deus é meu Senhor, a Ele te convém falar, se queres alguma coisa de mim””. (ANCHIETA, 1560, p.63). Porém, quando não cristã, era descrita com aspectos demoníacos, ligada a perversão, que levava os homens ao pecado, uma referência à História Bíblica de Adão e Eva; como é possível perceber em um trecho narrado por Anchieta (1554, p. 13-14) sobre os meninos órfãos portugueses que chegaram ao Brasil Colônia. Na carta, o jesuíta diz ao seu superior que eles precisavam voltar para a Europa, pois os perigos do Brasil-Colônia eram grande em relação às mulheres que andam nuas e que não negavam a ninguém, e que importunavam aos homens até lança-los nas redes, porque a honra delas seria dormir com cristãos.

A narrativa de Anchieta não só aborda a mulher indígena em seu aspecto físico e cultural, ou até mesmo seu batismo ou transcurso de cristianização, mas ela apresenta uma posição de uma sociedade válida, ou seja, uma concepção de mundo. Portanto, as cartas expressam uma representação conectada ao imaginário de um coletivo, de uma memória social e de como as mulheres eram vistas, no olhar do colonizador português e, também, do jesuíta.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de, Pe. *Minhas Cartas Por José de Anchieta*. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo (org), Editora Melhoramentos, Páteo do Collegio, 2004.

[CERELLO, A. G.](#). Sobre o processo de edição dos textos jesuítas nas cartas da América portuguesa no século XVI. TERESA (USP), p. 251, 2008.

[RAMINELLI, R. J.](#). Eva Tupinambá. In: Mary del Priore. (Org.). HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL. SÃO PAULO: UNESP, 2007.

HANSEN, João Adolfo. O nu e a luz: cartas dos jesuítas do Brasil. Nóbrega – 1549- 1558. Revista IEB. São Paulo, n. 38, 1995, p. 87-119.

PÉCORA, Alcir. À guisa de manifesto e A Arte das Cartas Jesuíticas do Brasil. In: Máquina de Gêneros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 4ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.